

Faculdade de Farmácia tem banco de sementes

Uma nova e original «instituição de crédito» está em fase de instalação na Faculdade de Farmácia de Lisboa. Chama-se banco de germoplasma ou, mais simplesmente, banco de sementes, e destina-se a apoiar projectos de reconversão agrícola.

Depois dos bancos de sangue ou até, mais recentemente, da abertura dos bancos de esperma, mais um projecto de características inovadoras está em fase de instalação na Faculdade de Farmácia de Lisboa. Trata-se de um banco de germoplasma, vulgarmente conhecido por banco de sementes, capaz de as conservar durante dezenas de anos, num ambiente sem oxigénio e a temperaturas da ordem dos 4 graus centígrados.

O projecto faz parte de um conjunto de 67 outros na área da biotecnologia e que são apoiados pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT).

O seu impulsionador é o eng.º químico José Nascimento que, em declarações ao Semanário referiu a importância do projecto, nomeadamente, pela possibilidade de conservar plantas adaptáveis a regiões cujas condições climáticas limitam o aproveitamento dos seus terrenos para fins económicos.

Segundo o eng.º José Nascimento, já existem alguns bancos de sementes no nosso país.

No entanto, até agora as preocupações têm sido sempre dirigidas no sentido de assegurar a reserva de sementes das chamadas culturas industriais.

As primeiras plantas integrantes deste projecto foram já seleccionadas e destinam-se, em particular, à pastorícia. Para já a grande aposta dos investigadores reside na «opuntia» ou figueira da Índia. Trata-se de uma planta carnuda que contém um verdadeiro reservatório de água e que está apta a abastecer o gado pelo menos durante três meses.

José Nascimento adiantou, também, que uma vez dispostas em file em terrenos florestais, estas plantas podem oferecer resistência aos tão temidos incêndios, que tantos prejuízos causam todos os anos.

Curiosa é também a função desempenhada pela «opuntia» entre os mexicanos. Para além de ser bem aproveitada em forma dos sabores «carnudos», ela é utilizada para fins medicinais: os mexicanos acreditam que ela provoca redução do colesterol.

Além da «opuntia», outras

sementes provenientes das regiões do Médio-Oriente e desertos do Arizona, entre ou-

tros, esperam na Faculdade de Farmácia de capital o seu destino.

Até agora, este projecto, que conta já cinco anos de existência, tem sido alimenta-

do por «médicos» investimentos: o primeiro deles veio da Fundação Calouste Gulbenkian e durou três anos. Agora está a ser suportado pela JNICT.

No entender de José Nascimento, o projecto pode, no entanto, vir a assumir outra dimensão, caso o Ministério da Juventude se mostre interessado no funcionamento do banco como unidade-piloto na formação de jovens empresários que queiram instalar-se na área da Química.

O eng.º José Nascimento referiu também ao Semanário a hipótese do projecto vir a ser aplicado num processo mais vasto de reforestação das zonas mais afectadas pela desertificação, nomeadamente, no continente africano, onde tal fenómeno atinge as mais graves proporções.

No caso português, do sul do Tejo, as regiões quentes do Douro ou mesmo a região alentejana, cujos terrenos são considerados como semi-áridos, poderiam beneficiar da implantação deste tipo de plantas no seu território.

Raquel Alexandra

Investigação Científica
Univ. drs Soc